



CARAMBAIA publica obra em prosa de Heinrich Heine

Em Noites florentinas, o poeta alemão cria uma narrativa que mistura lirismo e mordacidade em comentários sobre as cidades europeias, seus povos e costumes

O lirismo na poesia nunca atingiu uma expressão tão perfeita quanto na obra do alemão Heinrich Heine (1797-1856), escreveu certa vez seu compatriota Friedrich Nietzsche. O filósofo dizia ter procurado “em vão, em todos os milênios, uma música tão doce e apaixonada”. Embora escrito num período turbulento, tanto na vida de Heine quanto na história da Europa, *Noites florentinas* (1836) permitiu ao poeta transportar para a prosa a delicadeza de sua poesia, pelo menos nas primeiras páginas. É quando Maximilian chega à casa de uma mulher enferma, Maria, para durante duas noites distraí-la contando algumas de suas histórias. Nada sabemos sobre as relações anteriores entre os dois, mas o autor desenha um sutil e ambíguo jogo de sedução enquanto se desenrolam as lembranças de Maximilian – que promete abrir seu coração à interlocutora.

À maneira de muitos de seus poemas, Heine quebra as expectativas de que o enredo evolua para um idílio romântico. Maximilian passa do lirismo à mordacidade ao comentar impressões de suas viagens pelas grandes cidades europeias. As observações mais implacáveis são reservadas à Inglaterra e aos ingleses, que ele conclui serem os “deuses do aborrecimento”. Tudo é motivo para que Heine acione a lâmina afiada na voz de seu personagem: o idioma, a culinária, os discursos e brindes, as concepções de mundo e até a prática econômica. Sobre os alemães suas palavras não são mais lisonjeiras, e até ao elogiar os franceses Maximilian “louva” os encontrões que levou pelas ruas de Paris.

Nos interstícios entre esses dois momentos contrastados, e em poucas páginas, Heine encontra ocasião para visitar as camadas mais profundas do romantismo – a temática byroniana destacada pelo tradutor Marcelo Backes em seu posfácio. A presença da morte é insistente, a natureza se configura misteriosa e fantasmagórica, o fazer artístico tem dimensões sobrenaturais e até diabólicas. Embora o enredo se inicie com um mote semelhante ao das *Mil e uma noites*, a vigília da ouvinte falha, e o sono se mistura nebulosamente com a realidade. Além disso, as experiências amorosas de Maximilian se assemelham a uma busca pelo sublime, que nunca se completa. O projeto gráfico deste volume, desenvolvido por Mateus Valadares, faz referência a essa duplicidade: na capa, a escultura de mármore que exerce fascínio etéreo no personagem é coberta por letras recortadas com a precisão de uma faca.

Noites florentinas foi publicado, possivelmente como alívio de tensões, numa época em que Heine, na França, escrevia e publicava furiosamente suas opiniões sobre estética e política. Já haviam se passado alguns anos desde que experimentara o sucesso colossal de seu *Livro das canções* (1825), as *lieder* logo musicadas por grandes compositores como Schubert, Schumann, Brahms e Mendelssohn. Nas páginas da novela, a força da música não está apenas na linguagem: virtuosos da época – Bellini, Paganini e Liszt – surgem como personagens das lembranças do narrador.



Também está presente a revolução de julho de 1830 na França, que significou, para as forças progressistas francesas e também para Heine, uma derrota dos resquícios do antigo regime absolutista. Entretanto, na Alemanha natal do poeta, o conservadorismo avançava e suas obras foram proibidas em muitas das grandes cidades como represália a suas opiniões políticas. Seu exílio voluntário em Paris se tornou compulsório. A convivência do poeta judeu com a Alemanha nunca foi pacífica. Aos 28 anos, relutantemente, ele havia se convertido ao protestantismo, declaradamente para facilitar sua inserção social num ambiente em que o antissemitismo ganhava força. A simpatia pelo socialismo – era parente, amigo e correspondente de Karl Marx – complicava ainda mais sua situação, embora nunca tenha comungado da ideia do comunismo, preferindo imaginar uma emancipação dos povos pela via da sensibilidade criativa. A obra de Heine preservou ao longo das décadas a marca da liberdade, tanto que seus livros foram destruídos pelos nazistas. Mas as canções com suas palavras eram tão populares que nem o nazismo ousou proibir – a solução encontrada foi substituir seu nome por “autoria desconhecida”.

Ficha técnica:

Título: *Noites florentinas*

Autor: Heinrich Heine

Tradução e posfácio: Marcelo Backes

Projeto gráfico: Mateus Valadares

ISBN: 978-85-69002-29-1

Número de páginas: 112

Ano de publicação: 2017

Acabamento: brochura com capa rígida e lombada suíça

Dimensão: 15x23cm

Preço: R\$ 68,90

Tiragem: 1.000 exemplares

Editora CARAMBAIA

Rua Américo Brasiliense, 1923, cj. 1502.

04715-005 - São Paulo SP

Tel.: (11) 2366-5538

Site: www.carambaia.com.br

Contato para imprensa:

Beatriz Reingenheim

(11) 98405-9585

kulturalis@kulturalis.com.br